

Sobral, 1 de Junho de 1942

Clama ne cesses...

Todo o ministério sacerdotal compreende três funções — a administração dos sacramentos, a necessidade da oração, e a predicação da palavra de Deus. Quando os Apóstolos se viram sobrecarregados pelos inumeros labores apostolicos, confiaram aos Diaconos a administração dos sacramentos, a distribuição das esmolas e reservaram-se á obrigação de pregar e de rezar. E estas duas missões consumiram todo o tempo e toda a energia dos Apóstolos. Assim pela eficacia das proprias orações e pela persuasão da palavra aqueles humildes pescadores conquistaram o mundo inteiro. Rezar e pregar, suplicar a Deus e ensinar aos homens — eis a missão do sacerdote. Nenhuma outra função se lhe sobrepõe, o padre pode suscitar cidades, crear civilizações, abrir escolas, socorrer enfermos, amparar indigentes. Mas si ella não prega a palavra de Deus, pode-se crêr que traíu a propria vocação porque esqueceu o seu fim precipuo. Ser sacerdote

é ser arauto de Deus para publicar as verdades divinas e estigmatizar os erros humanos. S. Paulo escrevendo ao seu carissimo Timoteo recomenda com vivacidade: «prega a palavra, insiste oportuna ou importunamente, repreende, suplica, exhorta com toda doutrina e paciencia». Si a Religião fosse apenas a algida filosofia dos compendios mortos, de ha muito teria sido relegada para o museu das curiosidades intellectuais. O cristianismo è sobretudo vida. Em toda a teologia dogmatica não ha uma verdade siquer que não seja apta para despertar na alma do cristão o desejo de uma vida mais perfeita. E por isto, muitas vezes, que entre as verdades que se ouvem e a vida que se vive ha um contraste flagrante. Dahi uma caudal de odio, uma avalanche de recriminações, um incendio de ameaças — provocado tudo por uma palavra que tem o caustico da sinceridade. Mas não importa. Fechem-se as

(Cont. na 4ª pagina)

A Igreja de Cristo.

— VII —

S. PEDRO EM ROMA

Demonstrado pelas paginas do Novo Testamento que São Pedro era chefe de toda a Igreja Catolica, logicamente temos que aceitar que os seus sucessores possuem os mesmos poderes e privilegios, porque o Mestre quis uma Igreja que durasse até o fim do mundo: «e eu estarei convosco até a consumação dos séculos». E esses poderes e privilegios, nós dizemos que os retém o Papa, bispo de Roma e Chefe da Igreja Universal.

Os protestantes, porém, na sua eterna sêde de nos contradizer, perguntam: como o Papa de Roma é o sucessor de Pedro se este nunca ao menos esteve lá? E acrescentam: a Biblia nada diz a respeito.

Esteve, sim, respondemos nós.

Prova-se isso pela Escritura e pela Historia. Os protestantes, que se jactam de conhecer a Biblia, deviam saber disso.

Terminando S. Pedro a primeira epistola diz: «Sauda-vos a igreja eleita que está em Babilonia e Marcos, meu filho». Eis o texto com que nós queremos provar que S. Pedro esteve em Roma.

De que Babilonia fala S. Pedro? Havia naquele tempo dois lugares com este nome: uma no Egito e outra na Assiria. Referir-se-ia á primeira? Não, porque ora um presidio militar, no testemunho de Strabão; era um cas-

telo fortificado, colocado em lugar inacessivel, segundo refere Josefo. Falaria da segunda? Também não, porque no tempo de Claudio e Nero, (sob cujos reinados Pedro esteve em Roma) estava quasi sem habitantes, informa-nos Deodoro Siculo; era um monte de ruinas, diz Strabão, e um deserto, afirma Plinio. Resta-nos concluir com os interpretes antigos e modernos, catolicos e protestantes mais cultos que se trata de Roma, também chamada Babilonia por S. João, no Apocalipse, capitulo 17, versiculo 9. E se explica que S. Pedro tenha assim denominado a capital do Imperio Romano: 1º porque a grande corrupção de costumes a tornava semelhante à Babilonia, capital da antiga Caldèa; 2º para se occultar aos inimigos dos cristãos, que se preparavam para persegui-los; 3º porque era corrente entre os judeus e cristãos dar a Roma esse nome.

A favor da tese que estamos provando, podemos ainda acrescentar:

1º S. Pedro noticia aos cristãos a perseguição proxima que ás ocultas se preparava. Dadas as dificuldades de comunicação daqueles tempo só podia saber estando em Roma, mas não num lugar longinquo sujeito aos Partos e não aos Romanos.

2º — Toda a antiguidade sempre entendeu que Pedro falava de Roma. Só

Problema Nacional

Poucas pessoas refletem seriamente sobre a importância da formação de novos padres.

De Maitre, um dos mais originais escritores da França, escreveu um dia: «Si eu tivesse diante dos olhos o grafico das ordenações poderia predizer grandes coisas». Realmente, si de um novo medico, de um novo bacharel, de mais um soldado, de mais novos titulados—não se espera, de ordinario, um raio de ação que ultrapasse a esfera do ciclo pessoal ou familiar—não assim do sacerdote.

Sabe-se, perfeitamente, que um padre é, por assim dizer, senhor de muitos destinos.

Sua ação pessoal não só atinge um campo menos restrito, como ainda se estende no tempo quasi que indefinidamente.

O sacerdocio pode determinar a missão historica de um povo. Pode refrear-lhe o recesso á barbarie ou acelerar-lhe o ritmo do progresso. Assim plasmando a alma em função da eternidade, ele prepara a vida temporal. Apontando o ceu o padre não esquece a terra. Eis porque mesmo no tempo faz-se sentir a influencia bem tangivel do ministro da Religião. Nós que vivemos no interior observamos facilmente a influencia do paroco sertanejo. E' ele quasi sempre a unica cabeça da cidade. Nenhuma iniciativa proveitosa se desperta, nenhuma realização util se consolida, sem os esforços do padre.

Pode-se dizer certamente que é o paroco com uma meia duzia de bons auxiliares que ele mesmo formou — a alma de todas iniciativas que criou a nossa civilização. E si grande é esta influ-

encia exercida pelo sacerdote num campo quasi alheio ao seu ministerio—qual não será a sua influencia espiritual que é exatamente a resultante de seu ministerio?—Pode-se porventura avaliar quanto odio foi serenado, quantas ambições foram sofreadas, quantas vinganças morreram e quantos crimes não se perpetraram por causa da influencia do humilde cura de aldeia?

Eis porque o destino dos povos se prende estritamente ao destino de seu clero.

Um dos maiores historiadores do Brasil escreveu: «A nossa historia não se pode escrever enquanto não se houver escrito a historia da Igreja no Brasil».—E' assim entre todos os povos. Razão porque De Maitre se mostra apreensivo ante o grafico dos seminarios. Mas não basta saber ler o futuro nas estatisticas das ordenações. E' necessario antes preparalo com cuidado uma vez que se conheceu os motivos que o condicionam.

Despertar e favorecer as vocações sacerdotais —eis o problema maximo do presente. E' necessario resolve-lo com sabedoria para que os dias que se sucedem não venham a encerrar germen de futuras catástrofes.

A' Obra das Vocações Sacerdotais compete resolver este magno problema e assim decidir dos triunfos da Igreja entre nós, e da felicidade do Brasil.

Gil Coelho

GRAÇA

Maria Adelina Carneiro agradece uma graça alcançada por São José, prometendo publicar a mesma.

AÇÃO CATOLICA

E' tão difficil de se viver o espirito da Ação Catolica, quão facil é interpreta-lo de mil modos diferentes. Para uns por mais que se insista, nada mais é a Ação Catolica que uma associação nova, de programa mais ou menos adaptado aos metodos antigos.

Para outros a Ação Catolica si não merece as honras de uma associação também carece de outra finalidade.

Só se compreende uma organização de fieis com as classicas fitas de belas cores, a discutir, em torno de uma mesa, o programa de uma festa, a ornamentação do altar, a successão dos leilões, o percurso da sacola, o encargo dos fogos artificios.

Tudo que ultrapasse estas vistas ou que se manifesta fora da Igreja—parece exorbitancia ou exagero de carolices.—Quantas almas piedosas parecem esquecer que a Deus não se rende culto mais condigno nem mais belo do que procurando reavivar nas almas os traços divinos da fisionomia de Jesus, desfigurados pelo pecado. Maior homenagem, sem duvida, se presta a Deus concorrendo para adornar uma alma com a graça do que um altar com flores.

E este é que é o espirito da Ação Catolica. Não eliminar o secundario, mas antepôr o essencial. Não só construir ou adornar as Igrejas mas também provoá-las de almas verdadeiramente piedosas para que a glorificação de Deus seja «em espirito e em verdade».—Para tudo isto viver a Igreja de nossos dias, sentir as necessidades do presente, e pela comunhão fervorosa ser consumido pelo desejo do apostolado.

Eis a Ação Catolica: extravasão da vida interior que não busca nas exterioridades a satisfação da propria vaidade, mas procura na eficiencia da vida apostolica a maior gloria de Deus.

E' o programa da vida cristã para se viver dentro e fora das associações.

Nada restringe o sacerdocio dos leigos porque pode ser exercido em toda parte, entre todas as classes, e por todos os meios dignos. Assim o exige a salvação das almas.

O COMERCIO ESTÁ SATISFEITO...

Contou-me um ilustre missionario que terminadas as missões em certa parochia, logo se preparou para regressar.

Havendo pregado com tanto zelo procurou auscultar dos fieis qual a impressão ou resultado de suas predicas.

Para tal procurou o encarregado da Festa, e discretamente fez sentir o seu desejo.—«Ora, Padre, pregou muito bem! O Comercio está muito satisfeito!» —foi a resposta do piedoso procurador do santo.

—Naturalmente o jovem levita desde logo pôs em duvida todos os frutos espirituais que esperava de seus sermões. Viu claramente que aquelas missões promovidas com tanto entusiasmo só tinham em vista os interesses dos comerciantes.

—Quanta gente não existe neste Brasil afora que ainda crê as festas religiosas, as missões, as desobrigas, um *negocio* dessa monta? E' esta mentalidade tacanha que restringe a ação do Paroco, coarta o seu zelo, e prejudica os verdadeiros interesses do Catholicismo. E' preciso que em cada igreja ou capela o Paroco encontre na pessoa dos *procuradores* ou *encarregados* de festas, espiritos realmente apostolicos que tenham em vista sobretudo o bem das almas e a gloria de Deus.

G. C.

Apostolado da Oração

Intenções mensais e abençoadas como suas pelo Sumo Pontifice Pio XII.

*JUNHO—I. Ind. geral: Para que os pais tenham maior cuidado na educação religiosa, moral e civil dos seus filhos.

—II. Int. missionaria: Para que os jovens operarios das missões possam cumprir os deveres da vida cristã.

LEIA o jornal e o empreste ao visinho, amigo e parente.

A segunda frente no Nordeste

Pe. Sabino Loyola

De há muito vem sendo a grande preocupação dos aliados a abertura da segunda frente na Europa. Por que lado atacar o poderoso inimigo, para golpeá-lo mortalmente e qual a ocasião mais oportuna, eis em que se cifra o gravíssimo problema. Preocupamo-nos, os brasileiros, com a solução da magna dificuldade: somos da aliança belica.

Há, porém, outra frente que também nos inquieta supremamente. Na guerra do homem contra uma natureza agressiva, numa luta de ontem, de hoje e do futuro temos, os brasileiros do Nordeste, que abrir uma frente compacta e granítica para combater os efeitos da seca—o «nosso eterno duende».

Todas as vezes que sofremos o açoite impiedoso do flagelo climático, encontramos-nos quasi tão desprevenidos como se pela primeira vez nos entrasse em casa a indesejável visita. Não nos têm servido as amargas lições do passado para nos prepararmos dias mais abundantes e tranquilos. Regeitamos, inexplicavelmente, ensinamentos que tão proveitosos nos seriam. Até a experiência lançamos fóra...

Tentemos, embora em ligeiro escorço, demonstrar o que afirmamos, para depois procurarmos o rumo a seguir.

Se chega o equinocio de Março e ainda não caíram chuvas gerais no Nordeste, está declarada a seca. Deante da falta de gêneros de primeira necessidade—nisto é que está principalmente a seca nos seus efeitos—dá-se o pânico das populações do interior e esta-

belece-se o exodo. Deslocam-se as famílias para as cidades de maiores possibilidades de salvamento, ou demandam longinquas paragens fóra do estado natal. E surge, como consequencia natural, o tropel de misérias físicas e morais. Entre as primeiras: a mortandade infantil, as epidemias, a tuberculose, etc. Entre as segundas: a deshonra, o aumento do meretricio, os lares desfeitos, o roubo, etc.

Depois de 18 a 20 meses de falta absoluta de chuvas, chega o inverno. Reverdecem os campos, numa grande e geral ressurreição. Reacende-se a chama da esperança em melhores dias. Dizimados pela fome e pela peste, dispersos, os flagelados retornam aos seus lares. Sem terra preparada para plantar, passam ainda um ano de privações e aperturas. O pouco, porém, que sertanejos mais favorecidos lançam na terra, produz como por milagre. A safra agricola, embora pequena, traz grande desafogo ao povo martirizado. Os campos, depois de longo repouso, arejados, enriquecidos de elementos organicos, têm um poder inacreditavel de produção. Mais um ano de inverno e eis o Nordeste voltado á sua antiga normalidade. E então è o mesmo descaso de outrora. Não parece o povo que sofreu o 77 e o 900, o 15 e o 19, o 32 e o 36. Ganha-se facilmente, gasta-se perdulariamente. E' a terra dos contrastes: um dia a mendicancia generalizada, feita profissão, outro dia a esbanjamento nos sambas rumorosos; hoje o luxo das sêdas entre o povo pobre, amanhã os

farrapos que quasi nada cobrem.

Preside á nossa vida economica popular uma etica de fundo fatalista: «só tem quem tem de ter», «quem nasceu para ser pobre, morre pobre», repete á saciedade o nosso povo.

Em face do exposto, de oscilações tão profundas, impõe-se aos que analisam a nossa realidade, a todos os que sentem crepitar no coração uma pequena centelha de amor á patria e ao proximo, o dever urgente e inadiavel de convocar os sadios valores do Nordeste para, na mais estreita aliança de vistas e esforços, educar o nosso homem, tornando-o capaz de vencer o meio. E não será tão difficil a tarefa já que todos os estudiosos do Nordeste brasileiro reconhecem que nele o homem é realmente grande, porque dotado de qualidades difficilmente igualaveis de resistencia e combatividade. Mais nos sentimos alentados para esta campanha, porquanto á sua tenacidade se aliam extraordinarios dotes de inteligencia proclamados por todos, mesmos estrangeiros, quantos o conhecem. E sob a arca do peito pulsa um coração facilmente conquistavel para as causas grandiosas e nobres.

Dissemos: educar o homem. E é aqui que bate o ponto. Não receio afirmar que o começo e o fundamento da nossa causa comum há de ser, não pode deixar de ser, conjugar os nossos melhores esforços para, numa só cruzada, mãos dadas com o Governo da União e do Estado, preparar o homem para a victoria sobre o meio. E' a propria natureza ingrata e hostil que nos impõe a luta. Não há como fugir a esta fatalidade inexoravel. Não podemos conjurar o mal, é verdade, mas está ao nosso alcance atenuar-lhe os desastrosos efeitos, reduzindo-os á metade, ou ainda a menos. Para tal conseguir temos que obedecer a um

plano, que como modesto curso, ouso oferecer ao publico cearense:

1º) A constituição de uma comissão central de elementos inteligentes, vontadosos, dotados de senso pratico para a realidade nordestina. Ficaria composto este bloco de dois agronomos, um engenheiro, um padre, um advogado, um médico, um agricultor, um criador, um jornalista e um professor.

2º) Trabalharia a comissão por conseguir que a escola primaria cearense introduzisse entre o seu programa alguns pontos sobre o assunto em apreço, com o fim de aparelhar o homem de amanhã para o nosso meio.

3º) Mostrar-se-ia que contamos com elementos suficientes, na nossa agricultura para a futura redenção economica do Nordeste.

4º) Levar-se-ia, pela doutrinação, o povo ao trabalho, ao trabalho produtivo e a uma economia orientada.

5º) Pedir-se-ia uma medida governamental que obrigasse os agricultores, pequenos e grandes, a fazer uma reserva da produção para as incertezas do ano seguinte. Digamos 25% da safra.

6º) Lutar-se-ia pelo maximo aproveitamento dos nossos açudes, e aconselhar-se-ia a pratica das barragens subterranas, da lavoura seca, dos poços artesianos, do cultivos das margens dos nossos rios durante o verão, etc.

7º) Dar-se-ia uma orientação especializada aos agricultores e criadores para que melhor se previnam para os tempos calamitosos.

A serviço deste plano, devemos desde já pôr as cooperativas, alavancas poderosas que erguerão o edificio da nossa grandeza economica elevando o nivel de solidariedade entre os nossos patricios sofredores.

Estou certo de que os poderes publicos do Estado nos ajudarão a combater o bom combate. Só com o seu apoio e sua ajuda poderemos cantar a grande victoria por que suspiramos todos nós.

Aceleremos o passo, cearense, conquistando, quanto antes, o tempo que perdemos a dormir e a descrever do nosso futuro.

Rumo ao campo de batalha para a abertura da segunda frente no Nordeste—a educação do homem para a sua victoria sobre a natureza adversa!

N. R. — Embora fóra do nosso programa, publicamos este artigo, dada a relevancia do assunto.

Expediente d' "O Sacerdote"

Assinatura anual 2\$000
" de proteção 5\$000
10 assinaturas 18\$000

ASSINATURA DE BENFEITOR
Camocim: Francisco Menescal Carneiro

ASSINATURAS DE PROTEÇÃO

Acaraú—Aristides Sales

Sobral—Gutemberg Monte Silva

Pe. Expedito Lopes

Toda a correspondencia destinada a «O Sacerdote» deverá ser endereçada ao Diretor,

Pe. Sabino Loyola,
Caixa Postal,—17.
SOBRAL

A Igreja de Cristo

(Cont. da 1ª pag.)

no século XIV Massilio de Padua poz duvida sobre este fato historico, aproveitando-se disso os protestantes mais tarde para nega-lo.

3º—Babilonia, constituida igreja muito mais tarde, nunca pretendeu a honra de ter a Pedro como seu fundador.

Aí estão a historia e Biblia com as mãos dadas para atestar que a Igreja de Cristo é a mestre da verdade e por isso combate o erro.

Clama ne cesses...

(Cont. na 4ª pagina)

Igrejas, deportem-se os sacerdotes, emudeçam os sinos — a voz dos Apostolos é que jamais encontrará algemas bastante fortes para rete-la. Porque esta é a missão do Padre. Já Izaias, na antevisão dos tempos, traçava um programa inque-

O Sacerdote

Na "Cidade Maravilhosa"

Ha pouco, uma nova invulgar abalou a grande sociedade carioca. As rodinhas da grande «elite» e os meios religiosos comentaram uma nova sensacional. Desta vez os cartazes não expunham nem futebol, nem carnaval, nem feitos de guerra. Era um acontecimento quasi vulgar que pelas circunstancias escandalizava os impios. Na Igreja abacial de S. Bento do Rio de Janeiro três moços se consagravam a Deus pelo sacerdocio. Mas o sucesso da nova estava em que os candidatos até ha pouco frequentavam a melhor sociedade, e filhos de familias as mais distintas, ocupavam importantes funções sociais.

O primeiro, dr. Renato Acioli, neto do Conselheiro Acioli, e filho do Dr. Hildebrando Acioli embaixador do Brasil junto à S. Sé,—era engenheiro pela [Escola Politecnica do Rio. Renunciando ao nome e á fama dr. Renato trocou a posição social pelas austeridades do claustro, e hoje atende pela humilde alcunha de D. Ignacio Acioli. E' sacerdote beneditino.

O segundo que hoje na vida religiosa se chama D. Clemente Gouvêa, formou-se pela faculdade de Direito do Rio, em 1935. E' filho do Sr. Ernesto Isnard, dos altos circulos comerciais do

brantavel — *Clama ne cesses—Clama incessantemente que é este o teu destino, ô! sacerdote!*

Rio. Advogado e homem de letras, dr. José Carlos Gouvêa (seu nome no seculo) bem sentiu com S. Agostinho—que —«nosso coração é irrequieto enquanto não descansa em Deus». E a vocação religiosa o fez filho de S. Bento.

O terceiro, um jovem medico, filho do Almirante José Maria Penido—era um talento privilegiado. Hoje, D. Basilio Penido—sacerdote beneditino—deixa de ser uma esperança para o mundo, para ser um triunfo da Igreja. Foi esta a noticia mais sensacional deste começo de ano.

A «Cidade Maravilhosa», assistira a mais esta maravilha de graça divina que do meio do mundo suscitou estas vocações religiosas para edificação dos bons e confusão dos máos.

Peçamos a Deus que multiplique estas graças.

Este jornal é impresso
na Comercial Grafica

Ruas (Menino Deus, 106
Domingos Olimpio, 25

SOBRAL

GRAÇAS

Maria Pierre Solon, agradece a N. S. de Lourdes a graça alcançada de ver o seu filho Eduardo curado da vista.

xxx

Maria Pierre Solon, agradece a Santa Luzia, a graça alcançada de vêr o seu filho Eduardo curado da vista.

GRANDES HOMENS

HONRAVAM O PADRE

I

Palavras do positivista Faine:

«Eis uma cousa curiosa e notavel:—todos os velhacos, todos os desordeiros, todos os bebados, todos os homens baixos e vis, são inimigos dos Padres.

Ao contrario, os homens honrados, os homens de bem, as pessoas caridosas, honestas, estimaveis, delicadas, são quasi sempre simpaticas aos Padres e respeitadas para com eles».

VI

Palavras de um incredulo.

Cousin, vendo certo dia um Padre, bater á porta de uma casa pobre e velha, com uma sobrepeliz e uma estola, disse a um amigo: Vêdes este Vigario? Ele vai fazer uma grande cousa, vai ajudar um homem a bem morrer... Sim, estes homens são necessarios; e nós, com toda a nossa ciencia para que servimos?

VII

S. Luiz, rei de França, tinha tal respeito pelo seu confessor que durante a confissão, se uma porta se abria, levantava-se respeitoso, para fecha-la, não permitindo que o sacerdote o fizesse:

Vós sois meu pai, dizia, e eu tenho que vos servir...

Assim é o padre aos olhos dos que têm fé.

Maria Engracia Evangelista agradece á alma do Pe. José Arteiro pela intercessão uma graça alcançada.